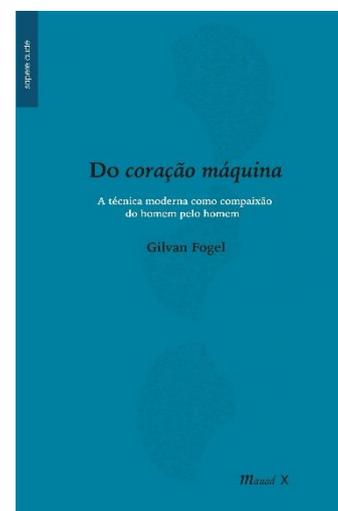


RESENHA



FOGEL, Gilvan. *Do coração máquina – A técnica moderna como compaixão do homem pelo homem*. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2022, 216p. 189

Francisco Wiederwild
UNIOESTE – Toledo, PR¹

Em seu mais novo livro intitulado *Do Coração Máquina – a Técnica Moderna como Compaixão do Homem pelo Homem*, Gilvan Fogel presta uma contribuição significativa para o cenário filosófico brasileiro, ao abordar um tema fundamental de nossa época: a questão da técnica moderna. Trata-se de um tema fundamental, pois, atualmente vige o *imperialismo da técnica*, que determina os modos de ser do homem contemporâneo. Por isso, o fundamental se revela como tema atual de interesse e, por conseguinte, o progresso da tecnologia se torna um assunto constante na mídia tradicional e nos mais diferentes meios de comunicação.

A obra de Fogel é ensaística, composta pela coletânea de quatro capítulos, contendo um ensaio inédito e os demais já publicados anteriormente, mas que, aqui, aparecem acrescidos e aprimorados em função de uma urgência. A reunião desses ensaios numa única obra se faz oportuna, atualmente, pois, com a vigência do

¹ E-mail: wiederwild@hotmail.com

imperialismo tecnológico, a essência do fenômeno técnico permanece inquestionada. Em meio a abundante difusão da tecnologia, acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento prestam contributo ao progresso tecnológico e, com isso, reforçam a aceção comum acrítica acerca da técnica – que, no fundo, ao enumerar os inestimáveis resultados atingidos pela tecnologia e idealizar para ela novos fins, prestam reverência à técnica sem questionar o seu fundamento. Ao conservar impensada a essência da técnica, concebem o fenômeno técnico como instrumento, meio para fins e uma atividade humana. A técnica, então, deixa de ser um *problema*. Se a técnica é só um instrumento, então o problema está no modo como o homem a utiliza. Com isso, se ignora o imperialismo da técnica que submete incondicionalmente o homem a um poder que ele não domina.

Com *Do Coração Máquina*, Fogel corrobora com a ruptura da filosofia com o senso comum vislumbrado com o progresso tecnológico, redirecionando o olhar para a região ontológica em que se desvela a essência da técnica moderna. O filósofo define este olhar direcionado à região ontológica como *o ver* próprio do pensamento, que “entra e afunda no que é para ver, isto é, compreender.” (FOGEL, 2022, p. 9). Esta compreensão é, com efeito, uma conquista para o homem contemporâneo: é a conquista de si e de sua época, é a consumação da difícil tarefa de tornar-se contemporâneo de si mesmo, pois tudo, hoje, se mostra e se realiza tecnicamente, desde um computador, ao míssil nuclear, ao ser do homem.

O autor, neste íterim, propõe como tarefa do primeiro capítulo da obra, intitulado *Martin Heidegger, Et Cetera e a Questão da Técnica – a colocação de um problema*², definir o problema do fundamento, determinar a essência da técnica moderna e, por conseguinte, articular fundamento e técnica. Martin Heidegger, portanto, é o filósofo que, ao colocar em questão a essência da técnica moderna, oferece condição de possibilidade para vincular a técnica e o fundamento da civilização moderna.

Em *A Questão da Técnica* (1953), Heidegger designa a essência da técnica moderna como um poder que o homem não domina e que o provoca a explorar o real como fonte de recursos e informação. Reduzido, assim, às relações meramente técnicas com o mundo, o ser humano já não se compreende como o ente privilegiado que compreende ser e toma a si mesmo como mais um ente presente na natureza, incapaz de questionar a razão de ser das coisas. Neste sentido, a técnica moderna perfaz um tema primordial da contemporaneidade, mas que só ganha radicalidade quando articulado com o problema do fundamento, “a medida em que, desde sempre, a filosofia se propôs a responder à pergunta: o que é o real, enquanto real? Ou seja, qual a realidade do real?” (FOGEL, 2022, p. 13).

Ao longo da tradição filosófica, o fundamento recebeu muitos nomes: *psyché*, *physis*, *idéa*, *dymanis-enérgeia*, *Deus creator*, *cogito* etc. Fogel sustenta que, na

² Este ensaio foi publicado pela primeira vez no vol. 2, nº 10, da revista *O que nos Faz Pensar*, em 1996. Além disso, aparece no primeiro livro de Fogel, atualmente esgotado, intitulado *Da Solidão Perfeita*, pela editora Vozes, 1999.

RESENHA

FOGEL, Gilvan. *Do Coração Máquina – A técnica Moderna como Compaixão do Homem pelo Homem*

Modernidade, a técnica se torna expressão do fundamento ou da realidade do real mediante o *cogito* cartesiano. Ao determinar *cogito* como substância pensante e princípio de realidade, o filósofo francês René Descartes define o homem (sujeito) como absoluto doador e instaurador de “mundo” (objeto) de sentido e significação. Com isso, Descartes funda a Modernidade, inaugura a acepção de real como objeto de exploração técnica e do homem como mestre e possuidor da natureza.

No segundo capítulo da obra, Fogel apresenta um ensaio inédito onde examina a condição do homem moderno cartesiano a partir da análise da figura e do pensamento de um dos mais insignes heterônimos de Fernando Pessoa: Álvaro de Campos, o poeta da técnica moderna. O autor sustenta que, com a poesia de Campos, o modo de ser do homem moderno ganha voz e vem à luz: ao dar expressão ao humor de nossa época, o poeta da máquina revela o fundamento da técnica e da civilização moderna, sem produzir teoria e silogismos.

O humor que configura a poética da poesia de Álvaro de Campos, portanto, compõe o modo de ser da civilização moderna: melancolia, angústia, tédio, cansaço. Esses afetos ganham expressão em sua poesia como consequência da vontade de infinito. O projeto existencial de Álvaro de Campos estipula como meta atingir a causa primeira como “coisa”, que sempre se furta, se coloca para além e se adia infinitamente. Com isso, a vontade de infinito do poeta permanece insaciada, ele se perde e lamenta, angustiada e cansadamente, no poema *Opiário*: “Não posso estar em parte alguma. A minha/ Pátria é onde não estou”.

191

Pátria é casa, lar e, conforme a interpretação de Fogel, no caso do poeta, representa a determinação de sua essência. Neste sentido, onde quer que ele esteja, nunca se sente em casa e sua vontade padece insaciada. Sua essência sempre se adianta, se coloca para além, se adia infinitamente. A vida finita, então, se mostra insuficiente e carente, com o poeta se sentindo deslocado, fora de lugar, fraco, como “o que não devia ser”. Por isso, inquietação e desassossego são permanentes.

Neste ínterim, Álvaro de Campos se revolta contra a finitude da condição existencial humana e brada, em *Ode Triunfal*: “Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime! / Ser completo como uma máquina!” Fogel assevera que Campos dá voz à vontade não apenas de um indivíduo isolado, mas do homem cartesiano, o homem moderno, que enseja a autossuficiência de um autômato. Tornando-se completo como uma máquina, funcionando no automático, não haveria angústia, tédio, cansaço, rugas, cabelos brancos, em suma, incorporando a máquina o homem se livraria de sua condição existencial finita.

Entulhado pelo sobrepeso da angústia, do tédio e do cansaço transmitidos pela poesia de Álvaro de Campos, Fogel, seguindo o exemplo do poeta da técnica que busca o consolo de um “*Oriente do Oriente*”, como para tomar fôlego, se dirige para o pensamento chinês. Assim, o terceiro capítulo do livro, *Do Coração Máquina*³, se inicia com a análise de uma estória do pensador Chuang Tzu, intitulada *O Puxador de Água*.

³ Este ensaio foi publicado originalmente no vol. IV, nº 2, pelo *Departamento de Filosofia – UFRJ*, em outubro de 1988. Ademais, compõe um dos capítulos do livro de Fogel intitulado *Da Solidão Perfeita*, pela editora Vozes, 1999.

Tzu narra o episódio em que um velho camponês, ao exercer um trabalho extenuante em sua horta, é aturdido por um jovem que se sensibiliza diante de seus esforços e lhe sugere o uso de uma máquina, para realizar o mesmo trabalho numa velocidade maior e com menor esforço. O velho camponês, contudo, recusa a recomendação do jovem sob o pretexto de que, quem usa máquina, rege seus afazeres segundo a medida da máquina e, conseqüentemente, ganha um *coração máquina* e se extravia do que é puro e singelo.

Fogel enxerga nesta recusa do camponês a confrontação com a mecanização racional e sistemática da existência. O camponês, neste sentido, não se opõe ao uso da máquina, mas a existir sob a medida da máquina: conduzir todas as ações sob a perspectiva da exploração da natureza como fonte de recurso e informação. Este modo de ser dota o homem de um coração máquina, que pulsa no ritmo acelerado regido pela vontade de apoderamento da natureza. Na vigência da máquina predomina o funcionalismo levado às últimas conseqüências: tudo se transforma em meio para fins, então desaparece o caráter de inutilidade e suficiência das coisas; nada mais se determina em si mesmo, as metas são estipuladas sempre *para fora e para além*.

Operando sob o pulso do coração máquina, o homem moderno, atribuindo-se da *técnica como uma forma de poupar esforço*, visa reduzir maximamente o trabalho. E se este projeto de eliminar o trabalho e esforço se concretizasse? Seria, então, a extinção do homem, “pois vida, homem, desde e como necessidade do finito, da finitude, não pode não ser ação, atividade, esforço.” (FOGEL, 2022, p. 177). Em suma, se a existência não pode ser esforço e finitude, o projeto técnico do homem moderno deve se cumprir com a reforma e correção da existência, substituindo o *puro e singelo* (isto é, a existência como gratuidade, mistério sem porquê) pela completa incorporação da máquina.

Este projeto da técnica moderna é analisado pormenorizadamente por Fogel no quarto e último capítulo da obra, denominado *A Técnica Moderna como Compaixão do Homem pelo Homem*⁴. Friedrich Nietzsche, na sessão nº 15 de *O Nascimento da Tragédia*, assevera que a metafísica comporta a inabalável fé de que pode não apenas conhecer os abismos mais profundos do ser, mas que se encontra em condições de corrigir a existência. O ímpeto de corrigir, reformar e substituir a vida compõe o *espírito de vingança* como essência da metafísica. Na esteira das problematizações de Nietzsche, Fogel sustenta que a técnica moderna é a consumação da metafísica e, com isso, a radicalização do espírito de vingança, que visa corrigir a existência, mediante sua racionalização e sistematização, e substituí-la pelo virtual e pela lógica.

Álvaro de Campos, imbuído da fé de que a razão pode tudo conhecer e representar, herdou o instinto metafísico que objetiva reformar a substituir a vida. Por isso Campos é o poeta da técnica moderna, pois ele é o porta-voz do homem cartesiano que objetiva consumir a vingança contra a vida como “*o que não devia ser*”. Isso não

⁴ Este ensaio, que aqui aparece acrescido e aprimorado, veio à público pela primeira vez em 2017, no vol. 1 da edição da revista Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics, com o título *Anotações Sobre o Tema da Técnica Moderna (Devaneios, Cismas)*.

RESENHA

FOGEL, Gilvan. *Do Coração Máquina – A técnica Moderna como Compaixão do Homem pelo Homem*

torna a sua poesia “reprovável”; pelo contrário, torna-a fundamental: a poética de Campos é responsável por dar expressão ao humor de nossa época – a nossa angústia, tédio e cansaço – e por revelar a essência da técnica moderna como espírito de vingança. Afinal, por que o homem objetiva se vingar da vida? Fogel sustenta a tese de que este fenômeno se deriva da compaixão do homem pelo homem, que idealiza eliminar o sofrimento. Este ideal resplandece na figura do deus cristão que morre na cruz de compaixão pelo homem. A técnica moderna, em última análise, visa a consumação do projeto da metafísica: poupar esforço, eliminar o sofrimento, apagar o limite da existência, a finitude, dotando o homem de um coração máquina, que nada anseia, que não se angustia nem se entedia com nada.

Não obstante, realizar o projeto de tornar o homem completo como uma máquina, que nada quer, que não sofre, que não se angustia ou se entedia, é aspirar o impossível. Por isso, Fogel encerra o livro sublinhando a necessidade de refrear o coração máquina, que pulsa no ritmo acelerado, e adotar a postura serena de quem enxerga a finitude como o suficiente, que vê o sofrimento como imperativo da ação, e a ação como transfiguração da dor em plena satisfação. Pode-se alegar, com isso, que Gilvan exige muito de nós. Sim, mas ele exige somente o necessário para a consumação do projeto de uma vida cujo sentido é determinado nela mesma, sem estipular metas *para fora e para além* da finitude que caracteriza e delimita a existência humana.

Do Coração Máquina – a Técnica Moderna como Compaixão do Homem pelo Homem integra o vigésimo primeiro volume da coleção *Sapere Aude*, da Editora Mauad X, que, desde 1994, contribui com a edição e promoção de obras de Literatura, História, Política e Filosofia etc. Assumindo como mote o fomento de “livros que valorizam o seu tempo”, a Editora Mauad X apresenta ao leitor a possibilidade de, por um lado, refletir sobre questões cruciais a sua época e, por outro, preencher o seu tempo com livros de qualidade. É neste sentido que Gilvan, com a primeira edição de *Coração Máquina*, valoriza o nosso tempo, isto é, considera como digna de questão o fundamento da civilização moderna e oferece ao leitor, cotidianamente aturdido pelo imperialismo da técnica, a oportuna possibilidade de pensar criticamente a nossa época e os modos de ser do homem nela sedimentados.

Submetido: 03 de julho de 2022

Aceito: 02 de agosto de 2022